Publicado na Motriz - Revista de Educação Física, Departamento de Educação Física, Instituto de Biociências da UNESP, Rio Claro, SP, N° 1, Vol. 9, Suplemento, p.S33-S37, 2003.

Título em português: A CULTURA DA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR

Título abreviado: CULTURA E EDUCAÇÃO FÍSICA

Título em inglês: THE CULTURE OF PHYSICAL EDUCATION IN SCHOOL

Título em português: A CULTURA DA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR

Título abreviado: CULTURA E EDUCAÇÃO FÍSICA

Título em inglês: THE CULTURE OF PHYSICAL EDUCATION IN SCHOOL

Autor: JOCIMAR DAOLIO

Faculdade de Educação Física da UNICAMP

Endereço para Correspondência:

Faculdade de Educação Física da UNICAMP

Cid. Univ. Zeferino Vaz - Barão Geraldo

Caixa Postal 6134

Campinas - SP

CEP: 13083-970

Endereço eletrônico: jocimar@fef.unicamp.br

Obs: Esse trabalho constitui-se em parte da tese de livre-docência intitulada "A cultura DA/NA educação física", defendida junto à Faculdade de Educação Física da UNICAMP em Agosto de 2002.

RESUMO

A partir de referenciais das Ciências Humanas, especificamente da Antropologia Social, este trabalho discute o conceito de "cultura" e algumas de suas implicações para a área de Educação Física, com ênfase em sua atuação escolar. Discute a questão do corpo como expressão cultural; a prática escolar de Educação Física como eminentemente simbólica e contextual; o trato dos conteúdos escolares e a necessária mediação por parte do professor. Conclui afirmando que a Educação Física trata da cultura relacionada aos aspectos corporais, negando a exclusividade das explicações biológicas na área. Assim, a Educação Física pode ser considerada como a área que estuda e atua sobre a CULTURA CORPORAL DE MOVIMENTO.

Palavras-chave: Educação física escolar; cultura corporal de movimento; educação física; cultura.

ABSTRACT

Based on references in Human Sciences, and specifically in Social Anthropology, this work discusses the concept of "culture" and some of its implications in the area of Physical Education, with emphasis on its educational application. The subject of the body as cultural expression, the practice of Physical Education in school as eminently symbolic and contextual, the treatment of the scholastic syllabus, and the necessary teacher mediation are discussed. In conclusion it is affirmed that Physical Education deals with the body-related culture, refusing the exclusivity of biological explanations in this field. Therefore, Physical Education can be considered as a field of study that involves research and work related to the BODY CULTURE OF MOVEMENT.

Key words: Physical Education in school; body culture of movement; physical education; culture.

Pensar a Educação Física a partir de referenciais das Ciências Humanas, e em particular da Antropologia Social, traz necessariamente a discussão do conceito de "cultura" para uma área em que isso era até há pouco tempo inexistente. Os currículos dos cursos de graduação em Educação Física somente há poucos anos vêm incluindo disciplinas próprias das Ciências Humanas e isso parece estar sendo útil para a ampliação da discussão cultural na área. As publicações que utilizam como base de análise da Educação Física conhecimentos das Ciências Humanas têm aumentado nos últimos vinte anos. Não causa mais polêmica afirmar que a Educação Física lida com conteúdos culturais.

Evidentemente ainda se vê muita confusão no uso da expressão "cultura" na Educação Física. O termo ainda é confundido com conhecimento formal, ou utilizado de forma preconceituosa quantificando-se o grau de cultura, ou como sinônimo de classe social mais elevada, ou ainda como indicador de bom gosto. Ouve-se com frequência afirmações de "mais ou menos cultura", "ter ou não ter cultura", "cultura refinada ou desqualificada" e assim por diante.

Enfim, pode-se falar atualmente em cultura da Educação Física e creio que a contribuição das Ciências Humanas, em geral, e da Antropologia Social, especificamente, foram importantes. Uma contribuição importante dos estudos

antropológicos para a área de Educação Física parece ter sido a revisão e ampliação do conceito de corpo. É por demais sabido que a Educação Física no Brasil, originária dos conhecimentos médicos higienistas do século XIX, foi influenciada de forma determinante por uma visão de corpo biológica, médica, higiênica e eugênica. Essa concepção naturalista atravessou praticamente todo o século XX - com variações específicas em cada momento histórico -, estando ainda hoje presente em currículos de faculdades, publicações e no próprio imaginário social da área.

A consequência dessa exclusividade biológica na consideração do corpo pela Educação Física parece ter sido a construção de um conceito de intervenção pedagógica como um processo somente de fora para dentro do indivíduo, que atingisse apenas sua dimensão física, como se ela existisse independentemente de uma totalidade, desconsiderando, portanto, o contexto sócio-cultural onde esse homem está inserido. As concepções de Educação Física como sinônimas de aptidão física, a opção por metodologias tecnicistas, o conceito biológico de saúde utilizado pela área durante décadas, apenas refletem a noção mais geral de ser humano como entidade exclusivamente biológica, noção essa que somente nesses últimos anos começa a ser ampliada.

Essas concepções parecem ter sido determinantes para a tendência à padronização da prática de Educação Física, sobretudo a escolar. Segundo essa lógica, se todos os seres humanos possuem o mesmo corpo - visto exclusivamente como biológico -, composto pelos mesmos elementos, ossos, músculos, articulações, tendões, então a mesma atividade proposta em aula servirá para todos os alunos, causando neles os mesmos efeitos - tomados como benefícios. Isso talvez explique a tendência da Educação Física em padronizar procedimentos, tais como voltas na quadra, metragens, marcação de tempo, repetição exaustiva de gestos esportivos, coreografias rígidas, ordem unida etc.

É óbvio que a partir dessa concepção de corpo e de Educação Física não havia espaço nem interesse em aspectos estéticos, expressivos ou subjetivos. A tendência era de uma ação sobre a dimensão física, passível de treinamento visando à repetição de técnicas de movimento, sejam as esportivas, de ginástica ou de atividades rítmicas. Era como se a Educação Física fosse responsável pela intervenção sobre um corpo tido como natural e sem técnica, a fim de dar a ele padrões mínimos de funcionamento para a vida em sociedade. Se se falava na consideração dos aspectos psicológicos individuais ou na dimensão estética dos gestos, isso era desvinculado da

dimensão física, como se o corpo fosse a expressão mecânica de uma superioridade psíquica ou mental.

A Educação Física, a partir da revisão do conceito de corpo e considerando a dimensão cultural simbólica a ele inerente, pode ampliar seus horizontes, abandonando a idéia de área que estuda o movimento humano, o corpo físico ou o esporte na sua dimensão técnica, para vir a ser uma área que considera o homem eminentemente cultural, contínuo construtor de sua cultura relacionada aos aspectos corporais. Assim, a Educação Física pode, de fato, ser considerada como a área que estuda e atua sobre a CULTURA CORPORAL DE MOVIMENTO.

Em relação à Educação Física Escolar, a discussão cultural oriunda da Antropologia Social também contribuiu de forma significativa para aprofundamento e qualificação dos debates. Primeiramente porque o ser humano passou a ser considerado além de sua dimensão biológica. Sendo um indivíduo que se localiza num determinado contexto e num determinado momento histórico, qualquer intervenção pedagógica sobre ele deve levar em conta esses aspectos. Em segundo lugar, porque a própria dinâmica escolar passou a ser considerada como prática cultural, sugerindo que a Educação Física não deveria mais ser vista como componente isolado das outras disciplinas, nem sua prática como meramente técnica.

Em outro trabalho afirmo que considerar a prática escolar de Educação Física a partir de referencial oriundo da Antropologia Social implica ir além de uma visão determinista de instituição escolar, para a qual cada componente curricular apenas reproduz o que a Escola prega como princípio. Implica também superar a idéia de que os professores apenas reproduzem o que aprenderam em sua formação universitária. Implica ainda ampliar a idéia de que a qualificação profissional dos professores depende unicamente de melhoria salarial ou de valorização por parte do governo.

Todos esses pontos são importantes e sua discussão necessária para a Educação Física escolar, mas, isolados, não permitem a consideração da área como fenômeno social, historicamente situado, culturalmente localizado e constantemente atualizado por meio de práticas significativas. Não permitem olhar para a Educação Física na escola como prática dinâmica, dotada, inclusive, de alta eficácia simbólica.

Se, por um lado, a Educação Física escolar, nas discussões acadêmicas, vem sendo criticada por ser vazia de conteúdo, por ainda se caracterizar pelo tecnicismo, por não possuir especificidade pedagógica, pelo fato de seus profissionais preferirem atuar com as atividades extra-

curriculares ao invés de se preocuparem com as curriculares, por outro, a Educação Física responde de forma eficaz à demanda colocada pela própria comunidade escolar, incluindo aí, pais, alunos, diretoras, coordenadoras pedagógicas, professores de outras disciplinas e os próprios professores da área. Eficácia essa que parece estar diretamente proporcional ao caráter repetitivo, monótono e pouco útil atribuído pelos alunos às outras disciplinas escolares e à Escola como um todo.

Essa eficácia simbólica foi sendo construída ao longo do tempo e pode ser comprovada no relato de muitos alunos, para quem as aulas de Educação Física, apesar de tudo, são as mais interessantes da escola. Pode também ser observada no relato de professores da área, para os quais sua disciplina é gratificante na medida em que alcança aprovação por parte dos alunos. Em pesquisa realizada pude observar entre professores de Educação Física a distância entre aquilo que as discussões teóricas dos últimos vinte anos esperam deles e aquilo que realmente eles fazem e por meio do qual se justificam na dinâmica escolar.

A consideração de que a Educação Física escolar é dotada de eficácia simbólica é importante para revalorizar a figura do professor, muitas vezes criticado por sua prática alienada e a-crítica, consoante ao quadro político ditatorial e

militar brasileiro dos anos 70 e início dos anos 80. Segundo essa lógica de raciocínio, bastava conscientizar os professores para que a Educação Física viesse a se tornar uma disciplina transformadora da sociedade brasileira. Entretanto, se a conscientização do professor de Educação Física era condição necessária para a melhoria de sua prática, não era suficiente para a transformação de suas ações. Isso porque o conjunto de fazeres do professor de Educação Física está imbricado com as representações sociais que ele possui, muitas delas inconscientes.

O professor que atua na escola, além de um conjunto de conhecimentos técnicos provindos de sua formação acadêmica, lida com um conjunto de valores, hábitos, com uma tradição, com um determinado contexto, enfim, atualiza significados continuamente. É um ator encenando uma trama, juntamente com outros atores, num determinado cenário, sob uma direção. Possui uma história de vida, que o fez escolher a Educação Física em detrimento de outras carreiras profissionais; possui um jeito de dar aulas; relaciona-se com professores de outros componentes curriculares; lida com uma expectativa que sobre ele é colocada pela direção da escola e pela coordenação pedagógica; lida cotidianamente com os alunos e suas motivações e interesses; é influenciado pela mídia; participa da dinâmica sócio-política cotidiana. Possui,

enfim, um imaginário social que orienta e dá sentido aquilo que faz.

É nesse sentido que se pode considerar a cultura escolar da Educação Física como processo dinâmico, repleto de nuances, sutilezas e representações sociais. Não considerar esses aspectos da Educação Física é correr o risco de se perder, ou numa discussão reducionista de competência técnica, ou num idealismo teórico e dogmático. Essa discussão sugere também que a desejada transformação da prática precisa considerar o nível das representações sociais ancoradas nas ações dos professores.

A abordagem cultural na discussão da Educação Física escolar permite também, questionando a ênfase ao caráter exclusivamente biológico humano, pensar uma intervenção que se pautar pelas diferenças presentes no grupo de alunos. Como vimos, se a Educação Física considerar outros aspectos além da dimensão física do homem, terá que criar condições metodológicas para trabalhar com todos os alunos. O Princípio da Alteridade, conceito usual e fundante da Antropologia Social contemporânea, mostra-se determinante para a revisão do papel da Educação Física. Colocar-se no lugar do outro implica considerar que o outro pode ser diferente e que as relações humanas - incluindo as pedagógicas - devem se pautar pelas diferenças. Se a Educação Física priorizar a dimensão

exclusivamente física do homem, ela continuará a objetivar em suas aulas padrões atléticos, visando a homogeneizar todos os alunos. E aqueles que não conseguirem atingir tais padrões, serão considerados menos aptos ou sem talento ou congenitamente incapazes. Por outro lado, se a Educação Física considerar toda e qualquer diferença humana, terá que reavaliar seu papel pedagógico, seus objetivos e estratégias de ensino. Terá que fazer a aula atingir todos os alunos.

Foi nesse sentido que em alguns trabalhos utilizei a expressão Educação Física Plural, procurando enfatizar a necessidade de inclusão de todos os alunos na prática escolar de Educação Física, por meio da revisão de determinados princípios tradicionais da área. Em trabalho anterior afirmei que a Educação Física Plural parte da consideração de que os alunos são diferentes e que a aula, para alcançar todos os alunos, deve levar em conta essas diferenças. Pois, a pluralidade de ações implica aceitar que o que torna os alunos iguais é justamente sua capacidade de se expressarem diferentemente.

A discussão cultural na Educação Física, por levar em conta as diferenças manifestas pelos alunos e pregar a pluralidade de ações, sugere também a relativização da noção de desenvolvimento dos mesmos conteúdos da mesma forma em todos os contextos. Entendo que a Educação Física escolar

deva tratar pedagogicamente de conteúdos culturais relacionados à dimensão corporal. Porque o ser humano, desde o início de sua evolução, foi construindo certos conhecimentos ligados ao uso do corpo, aos conceitos de higiene, de saúde, formas lúdicas, sempre estimulado pelo meio e pela necessidade de sobrevivência, por vezes, em condições adversas. É nesse sentido que se afirma que a Educação Física trata da cultura relacionada aos aspectos corporais, expressas nos jogos, nas formas de ginástica, nas danças, nas lutas e, mais recentemente, nos esportes.

Ora, se pensarmos a Escola como uma instituição que deve, explicitamente e de forma valorativa, discutir, sistematizar, aprofundar e transformar os conhecimentos da chamada cultura popular, no caso da Educação Física isso também seria possível. Como a Matemática deve aprofundar o conhecimento popular sobre os números e operações, chegando ao desenvolvimento da lógica e do raciocínio matemáticos... como a Educação Artística deve organizar e ampliar o conhecimento popular sobre as expressões artísticas... como a Língua Portuguesa deve partir dos conhecimentos de senso comum sobre os usos das formas lingüísticas para atingir a chamada linguagem elaborada... a Educação Física também deveria partir do riquíssimo e variado conhecimento popular sobre as manifestações corporais humanas em seus diversos

contextos para propiciar um maior conhecimento que leve a melhores oportunidades de prática corporal e possibilidades concretas de crítica, transformação e ampliação desse patrimônio humano relacionado à dimensão corporal.

Porém, se assumimos que o conhecimento popular corporal ocorre diferentemente em função do contexto, possuindo significados específicos, não é possível defender o desenvolvimento dos conteúdos da Educação Física de forma unilateral, centralizada e universal. Entendo que a Educação Física escolar deva trabalhar com grandes blocos de conteúdo, resumidos no jogo, ginástica, dança, luta e esporte. Isso parece consensual devido ao fato de que qualquer manifestação corporal humana traduz-se num ou mais de um desses cinco grandes temas da cultura corporal. A própria tradição da Educação Física escolar mostra a presença desses conteúdos - ou, pelo menos, de parte deles - em todos os programas escolares.

Isso valeria para todas as séries e para todas as escolas. Entretanto, há que se levar em conta as características e os significados inerentes à cada manifestação de cada bloco de conteúdo nos variados locais e contextos onde será trabalhado. Em outras palavras, o momento de aplicação, a forma de desenvolvimento e o sentido de cada bloco de conteúdo serão variados, fato que transforma o

professor, de um mero executor de um programa escolar para uma determinada série numa determinada escola, em mediador de conhecimentos. E quando me refiro à mediação de conhecimentos, incluo necessariamente a dimensão dos significados desses conhecimentos para o público específico e a representação social dos atores em questão em relação a esses conhecimentos.

A mesma modalidade esportiva, como o basquetebol, por exemplo, adquire matizes diferentes em função da dinâmica cultural específica de determinado contexto. Um programa de aulas que imponha que o basquetebol deva ser ensinado a partir da quinta série, no segundo bimestre do ano, seguindo a mesma estrutura pedagógica tida como universal, estará, no mínimo, desconsiderando as especificidades locais. Não estará respeitando a tradição histórica e a dinâmica cultural do grupo. Nesse sentido, há várias formas de praticar o basquetebol, assim como há várias formas culturalmente determinadas de compreender e praticar a dança, o jogo, a ginástica, a luta. O conhecimento de uma modalidade esportiva não deve ser tomado como rígido objetivo das aulas de Educação Física, mas como ilustração de uma manifestação cultural específica de um bloco de conteúdo, no caso o Esporte. Em outros termos, o que deve necessariamente estar

presente em todos os programas escolares de Educação Física são os blocos de conteúdo.

Nas minhas aulas no curso de graduação em Educação Física da UNICAMP, a fim de justificar para os alunos o sentido de uma disciplina sobre Antropologia Social no currículo, costumo ilustrar essa questão dizendo que um professor formado em Educação Física na cidade de Campinas teria condições de trabalhar em qualquer região brasileira, desde que fosse capaz de fazer as leituras de significados dos conteúdos (jogo, ginástica, esporte, dança, luta) da região específica, a fim de fazer as mediações necessárias entre o conhecimento popular específico e o conhecimento elaborado.

Essa questão da mediação necessária de conhecimentos tem me tornado avesso à elaboração e utilização de rígidos programas e planejamentos, pois um empreendimento desse tipo, além de não contemplar todas as realidades, poderia ser utilizado como modelo estanque para o desenvolvimento de aulas, negando todos os pressupostos que a discussão cultural da Educação Física defende. Não que os planejamentos não sejam importantes. Defendo que são necessários quando tomados como referência, atualizados constantemente, construídos e debatidos com os próprios alunos, compartilhados com o

projeto escolar, enfim, dinâmicos e mutantes, considerando os contextos onde serão aplicados.

Para isso, os professores devem assumir outra característica para o desenvolvimento de suas aulas que não a ordem, a rigidez de comportamentos, a padronização de corpos e de atitudes e a expectativa que todos os alunos, ao final do processo, conheçam os conteúdos desenvolvidos e os pratiquem da mesma maneira. Devo ressaltar que boa parte dessas afirmações serve também para os professores de outras disciplinas escolares que, talvez mais que os professores de Educação Física, vêm-se reféns de cartilhas, livros-texto e manuais que desconsideram a cultura de cada grupo e impedem o desenvolvimento da criatividade dos alunos, tornando a escola monótona, desagradável e, por vezes, inútil.

Acredito que a área de Educação Física brasileira, sobretudo nos últimos vinte anos, já formulou críticas contra a chamada prática escolar tradicional, além de, nos últimos dez anos, vir apresentando proposições interessantes e originais. Resta, agora, a proliferação de pesquisas de aplicação, nas quais as propostas deixem os laboratórios, os livros e as teses e sejam testadas em realidades concretas. Diferentemente dos ratos brancos, os homens agem de forma diferente das simulações em laboratório e, muitas vezes, de forma inesperada. Entretanto, não basta somente afirmar que

os professores em atuação devem ser treinados ou estimulados a estudar a fim de que sua prática se qualifique. A partir das pesquisas oriundas da Antropologia, e utilizando a prática etnográfica, vejo a possibilidade de melhor compreender esse "nativo" da Educação Física em atuação na dinâmica de sua "tribo". Talvez, assim, possa se compreender de forma mais clara a dificuldade do profissional de Educação Física em transformar sua prática. Isso porque, para interpretar a lógica de significados que dá sentido à qualquer prática, deve-se tomar como pressuposto o caráter cultural de toda ação humana e o caráter por vezes inconsciente de determinadas ações. Talvez, a partir da etnografia se possa chegar mais próximo do nível das representações sociais que oferecem suporte, dão sentido e orientam a prática do profissional de Educação Física.

Uma ação transformadora na Educação Física escolar só será efetiva se conseguir penetrar o universo de representações dos professores, decifrar os significados de sua prática, entender a mediação com os fatores institucionais até chegar ao nível dos seus comportamentos corporais.

Em resumo, entendo que a Educação Física - quer como área acadêmica, quer como prática pedagógica escolar - trata da cultura, não de toda e qualquer cultura, mas da parte dela

relacionada aos aspectos corporais, aos cuidados com a saúde, às formas lúdicas. Com frequência tenho observado manifestações de que o objeto de estudo da Educação Física é o movimento humano. Algumas pessoas reconhecem a cultura como o meio onde o movimento se expressa, mas insistem nele como sendo o principal conceito da área.

Creio não ser essa apenas uma questão terminológica diletante, como se as expressões "cultura" e "movimento" pudessem ser intercambiáveis. Afirmar que a Educação Física trata da cultura implica negar a exclusividade do componente biológico na explicação das condutas humanas afetas à Educação Física e fincar a raiz da área nas Ciências Humanas. Por outro lado, aceitar que a Educação Física trata do movimento humano consiste em secundarizar a dimensão cultural em relação ao aspecto biofísico humano, afirmando a base biológica como primordial para a compreensão da área, como se a cultura fosse consequência ou produção das atividades cerebrais. Enfim, insistir que a Educação Física trata da cultura corporal faz com que priorizemos a dinâmica sócio-cultural na explicação das ações humanas.

Concluindo, procurei nesse trabalho, ainda que rapidamente, discutir o corpo como componente e expressão culturais, podendo ampliar a visão tradicional e o uso que a Educação Física faz desse conceito. Em seguida, pude discutir

a atuação da Educação Física Escolar como prática cultural, compreendendo seu caráter simbólico, dinâmico e contextual. Discuti também a questão do trato dos conteúdos escolares pela Educação Física e sua necessária atualização e mediação em relação aos contextos específicos onde ela se realiza.

Citei também a abordagem etnográfica, característica e originária da Antropologia, como importante e necessária atualmente nas pesquisas em Educação Física, objetivando a análise dos significados de atuação dos profissionais da área. Compreender a atuação dos profissionais "por dentro" parece fundamental para uma área que vem propondo nos últimos anos a revisão de sua ação tradicional, mas que não pode mais acreditar que a transformação da prática ocorrerá apenas com proposições teóricas. Há que se compreender o caráter cultural - e, por vezes, inconsciente - de atuação dos profissionais de Educação Física, procurando alcançar o nível das representações sociais que orientam sua prática.

Acredito que a abordagem antropológica tem contribuído e pode ainda muito contribuir para uma revisão da Educação Física, tornando-a uma área mais dinâmica, mais original, mais plural. A análise cultural tem procurado compreender a imensa e rica tradição da área que, durante anos, a definiu como ela se apresenta hoje e, ao mesmo tempo, tem procurado entender suas várias manifestações como expressões de

contextos específicos. Além disso, a perspectiva cultural faz avançar na Educação Física a consideração de aspectos simbólicos, estimulando estudos e reflexões sobre a estética, a beleza, a subjetividade, a expressividade, a relação com a arte, enfim, o significado.

Afirmar em outro texto:

Qualquer abordagem de Educação Física que negue esta dinâmica cultural inerente à condição humana, correrá o risco de se distanciar do seu objetivo último: o homem como fruto e agente de cultura. Correrá o risco de se desumanizar¹.

Bibliografia

ANDRÉ, M.E.D.A.de.(1995). Etnografia da prática escolar. Campinas: Papirus.

BETTI, M. (1994). Valores e finalidades na educação física escolar: uma concepção sistêmica. Revista Brasileira de Ciências do Esporte. 16 (1), 14-21.

BETTI, M. (1994). O que a semiótica inspira ao ensino da educação física. Discorpo. (3), 25-45.

BETTI, M. (1999). Educação física, esporte e cidadania. Revista Brasileira de Ciências do Esporte. 20 (2/3), 84-92.

BRACHT, V. (1999). Educação física & ciência: cenas de um casamento (in)feliz. Ijuí: Unijuí.

¹ DAOLIO, Jocimar. A antropologia social e a educação física: possibilidades de encontro, 2001, p.38.

CARVALHO, Y.M.de & RUBIO, K. (2001). Educação física e ciências humanas. São Paulo: Hucitec.

CHAUÍ, M. (1994). Convite à filosofia. São Paulo: Ática.

DAOLIO, J. (1995). Da cultura do corpo. Campinas: Papirus.

DAOLIO, J. (1997). Cultura: educação física e futebol. Campinas: Unicamp.

DAOLIO, J. (1998). Educação física e cultura. Corpoconsciência. (1), 11-28.

DAOLIO, J. (2001). A antropologia social e a educação física: possibilidades de encontro. Em CARVALHO, Y.M.de & RUBIO, K. (2001). Educação física e ciências humanas. São Paulo: Hucitec.

GEERTZ, C. (1989). A interpretação das culturas. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan. (Trabalho original publicado em 1973).

LAPLANTINE, F. (1988). Aprender antropologia. São Paulo: Brasiliense. (Trabalho original publicado em 1987).